

A AGONIA DA CRISTANDADE

Anselmo Ernesto Graff – editor

O título acima poderia sugerir que está se falando de um processo terminal da igreja cristã. Porém, não é essa a ênfase pretendida. O autor que usou essa expressão trata daquilo que Jesus diz ao se referir de que ele não veio trazer paz, mas divisão.

Outra explicação necessária se refere à utilização do termo *crístandade* ao invés de *crístianismo*. O fato é que, ao contrário do platonismo, aristotelismo, cartesianismo, kantismo, hegelianismo, esse sufixo — ismo, cristian-ismo pode não retratar a verdade sobre a fé cristã, porque poderia dar a entender que se trata apenas de mais uma doutrina como outras filosofias, ideologias ou religiões. E não é isso.

Temos uma bela palavra, *crístandade*, que, significando propriamente a qualidade de ser cristão — como humanidade a de ser homem humano —, terminou por designar o conjunto dos cristãos. Isso porque a qualidade de ser cristão é a mesma de ser cristo. O cristão se faz um cristo. Sabia-o São Paulo, que sentia nascer e agonizar e morrer nele o Cristo (UNAMUNO, 2017, Edição do Kindle).

O cristão é feito um cristo, e é nesta perspectiva que Unamuno (2017) trata da agonia da *crístandade*. “Agonia, *αγωνία*, quer dizer luta. Agoniza o que vive lutando, lutando contra a vida mesma. Minha agonia, minha luta pelo cristianismo, a agonia do cristianismo em mim, sua morte e sua ressurreição em cada momento de minha vida íntima”. Ainda que

Unamuno tenha usado na citação acima a palavra *cristianismo*, sua defesa é por *cristandade*.

Cristo trouxe agonia, luta, e não paz. “Não pensem que eu vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas espada. Pois vim causar divisão entre o homem e o seu pai; entre a filha e a sua mãe e entre a nora e a sua sogra. Assim, os inimigos de uma pessoa serão os da sua própria casa” (Mt 10.34-36).

E a paz? Cadê o príncipe da paz? Há várias passagens bíblicas bem explícitas em que se fala da paz como uma bênção especial da presença do Senhor Jesus. Lá onde ele está, desfruta-se da paz. “Glória a Deus nas maiores alturas, e paz na terra entre os homens, a quem ele quer bem” (Lc 2.14). “Falavam eles ainda estas coisas quando Jesus apareceu no meio deles e lhes disse: – Que a paz esteja com vocês!” (Lc 24.36). Deixo com vocês a paz, a minha paz lhes dou; não lhes dou a paz como o mundo a dá” (Jo 14.27). “Ocorre que essa paz se dá na guerra e a guerra se dá na paz” (UNAMUNO, 2017, Edição do Kindle). E isso é agonia, sofrimento, ou, na linguagem de Lutero, é uma das facetas da tentação, que acabam cumprindo seu papel formador do teólogo e do cristão.

Entretanto, as pessoas tendem a evitar as agonias que batem às suas portas, ou então, elas são interpretadas como sendo decorrentes da ausência de Deus em suas vidas, ou simplesmente como sendo um destino já traçado. “A pobreza, a doença, o envelhecimento, a solidão e o tédio não são mais vivenciados como fatalidades, com as quais nos resignamos (‘é a vida’), mas como males evitáveis, com a condição de trabalhar para preveni-los ou combatê-los” (PERRENOUD, 2013, p.32).

Na verdade, da perspectiva de Deus, embora pelo que se aprende do livro de Jó não daria para se posicionar de forma tão categórica, aflições não são nem fatalidades e nem males que deveriam ser evitados a qualquer custo, mas eles são oportunidades formativas e de amadurecimento cristão. Segundo a palavra de Eclesiastes, dias bons e dias maus fazem parte da nossa agenda, e eles devem ser vistos da forma como o próprio Deus quer que os vejamos. “No dia da prosperidade, seja feliz; mas, no dia da adversidade, considere que Deus fez tanto este como aquele, para que o ser humano não descubra nada do que há de vir depois dele” (Ec 7.14).

A conversão à fé em Jesus Cristo no batismo ou pela pregação do evangelho é sinônimo de presença do Espírito Santo na vida do crente.

Essa presença do Espírito de Deus na vida de um batizado e de alguém que recebeu a fé através da proclamação da Palavra, é garantia de regeneração e de uma nova vida, mas também de ser um pequeno cristo, não em termos vocacionais, por exemplo, como se pudesse fazer o que Cristo fez, mas de coparticipação na sua morte e na ressurreição, ou de coparticipação nas suas agonias e nas suas vitórias (Rm 8.17).

Só que, algumas vezes, essa nova vida parece somente ser reconhecida nos momentos de prosperidade, seja em termos espirituais, financeiros, familiares ou físicos. Uma oração atendida, uma igreja que apresenta um crescimento numérico significativo, uma reflexão bem articulada e sábia, seriam, dentre outros, sinais da poderosa presença do Espírito Santo nos cristãos.

O oposto também é verdade. Quando se vive em tentações espirituais, quando não há milagres, quando o sofrimento e a agonia insistem em predominar na vida dos cristãos, quando não há crescimento numérico da igreja, quando há divisões ou outras adversidades, então se pode colocar em dúvida a presença e a ação do Espírito em função desse contexto de desventuras (SÁNCHEZ, 2006, p.29).

No entanto, o batismo cristão une o batizado a Cristo, tanto na sua morte como na sua ressurreição, e o batizado é tornado um pequeno cristo (Rm 6.1-11). Pela fé em Cristo, o Espírito habita no crente (At 11.17), e os crentes compartilham das agonias de Cristo, mas também da sua glorificação. E esta é a agonia da cristandade em mim, sua morte e sua ressurreição em cada momento de minha vida se tornam reais. Somos pequenos cristos em sua morte e ressurreição (UNAMUNO, 2017, Edição do Kindle).

Por isso que Lutero, em uma visão realista e dramática da vida cristã, a vê em termos de um conflito entre Deus e o diabo. Lutero não exorciza o diabo do mundo e nem o reduz a alguma instituição injusta ou à maldade do ser humano. Ele efetivamente não descarta a influência do diabo no ser humano, na igreja e na sociedade. O conflito começa na hora da conversão, seja pelo batismo seja pela pregação do evangelho. Só que, de uma maneira até surpreendente, Lutero o considera como sendo “o melhor professor de teologia”, pois o Espírito de Deus o usa como instrumento para nos formar teólogos fiéis à sua Palavra e à oração no meio de seus ataques.

O diabo não deixa de estar sob o controle de Deus, mas a ele parece ter sido dada uma concessão em usar suas artimanhas e tentar aos cristãos. Entretanto, ao invés de levá-los à apostasia, o que pode acontecer (Lc 8.12),

ele acaba os levando a depender cada vez mais da Palavra de conforto e da ajuda de Deus na oração (SÁNCHEZ, 2013, Edição do Kindle).

Interessante que o católico Papini (1881-1956) afirma que teólogos de todos os tempos quase nunca lidaram com o diabo de forma explícita, pois é “[...] como se tivessem vergonha de acreditar em sua ‘presença real’ ou medo de lhe dar uma fisionomia ou de adentrar em sua essência”. Para Papini (2011), pais da igreja e escolásticos falaram sobre ele e lhe dedicaram tratados inteiros. No entanto, hoje, seus sucessores são tímidos e se limitam a falar dele, brevemente, especialmente no capítulo sobre anjos.

Realmente, na teologia sistemática luterana (2022), por exemplo, o assunto de fato é articulado apenas na doutrina sobre a criação, e o diabo, obviamente, é analisado em contrapartida aos anjos bons, sendo um anjo mau que se opôs e se opõe à vontade e às intenções de Deus. O motivo dessa aparente escassez de dados sobre esse anjo mau talvez seja explicado ou justificado na própria seção que trata do tema dos anjos caídos. “A Bíblia é reticente em relação às informações sobre Satanás e os anjos maus e sua queda primitiva em pecado e oposição divina” (WEINRICH, 2022, p.185).

Outra explicação pode estar na ideia de Lewis (2017), quando ele afirma que a raça humana pode cair em dois erros graves em relação aos demônios. “O primeiro é não acreditar na existência deles. O outro é acreditar que eles existem e sentir um interesse excessivo e doentio por eles. Os demônios ficam igualmente satisfeitos com ambos os erros”. Ou seja, nem tanto ao mar nem tanto à terra e, como geralmente pode ocorrer, o perigo está na polarização, também nesse tema.

Se há uma aparente escassez de informações sobre o diabo na Sistemática Luterana publicada em 2022, nos documentos confessionais luteranos existe uma série de referências e ensinamentos sobre o diabo. Em seu índice remissivo, o Livro de Concórdia (2021, p.735) apresenta aproximadamente setenta alusões ao diabo. Lá, ele é apresentado, dentre outras abordagens, como alguém que foi vencido por Jesus (Apologia da Confissão, p.177.21), e que a nossa fragilidade em o combater é suprida pela proteção que temos em Cristo. Nele, temos abrigo contra suas investidas (Declaração Sólida, p.592.19ss). Por outro lado, as confissões luteranas alertam de que o diabo continua atormentando a igreja e os cristãos distorcendo o evangelho (Apologia da Confissão, p.323.40ss); causando discórdia (Catecismo Maior, p.486.1ss); impelindo e induzindo ao pecado

(Catecismo Maior, p.467.36; Declaração Sólida, 592.21s), incitando ao desespero (Apologia da Confissão, p.267.15) e sendo uma fonte de tentação (Catecismo Maior, p.488.23ss).

Para Salifu (2020, p.137) essa diminuição de ênfase na ação do diabo se deve principalmente à filosofia iluminista e aos avanços científicos pautados especialmente na razão, na observação e experimentação. Outro fator implementado pela teologia crítica, especialmente por Bultmann, é de que a cosmologia “pré-científica” dos primeiros cristãos é da existência do céu, terra e inferno. Esta ideia é eliminada pelo espírito moderno, por se tratar de algo “[...] fora de moda, pela ciência e tecnologias modernas” (RICOUER, 2004, p.55).

Só que independentemente do volume de abordagens sobre o diabo ao longo dos anos, na Palavra de Deus, de forma especial no Novo Testamento, o diabo é apresentado como alguém que tenta o recém-batizado Jesus (Mt 4.1-11) e como um inimigo competitivo e que na surdina semeia o joio no meio da boa semente que é o trigo (Mt 13.39); ele é o oponente do evangelho que pode arrancar do coração a boa palavra semeada e levar as pessoas a desistirem de crer (Lc 8.12), e é considerado por Jesus um assassino e pai da mentira (Jo 8.44). Em Atos, ele é considerado como sendo fonte de toda a maldade, inimigo da justiça e capaz de perverter os caminhos do Senhor (At 13.10). O apóstolo Paulo o apresenta como alguém que arma ciladas (Ef 6.11), Pedro utiliza a imagem do leão que ruge e que anda em derredor para devorar alguém, para falar do diabo (1Pe 5.8), e João afirma que a prática da justiça é característica do filho de Deus enquanto a do pecado é dos filhos do diabo (1Jo 3.7-10). Por outro lado, como vencido foi por Jesus, ele é resistível para quem está ciente da sua ação e cuja arma é a Palavra. “Portanto, sujeitem-se a Deus, mas resistam ao diabo, e ele fugirá de vocês” (Tg 4.7).

Jesus venceu o diabo na tentação e decretou sua falência na cruz (Jo 16.11). Ele é o Senhor, e sua obra redentora incluiu expor à vergonha todo e qualquer principado. “E, despojando os principados e as potestades, publicamente os expôs ao desprezo, triunfando sobre eles na cruz” (Cl 2.15). Por que o cuidado com o diabo? De forma geral se pode inferir que a intervenção do diabo é útil, até necessária, quem sabe, desde que a nossa defesa contra as suas ciladas e agressões esteja na Palavra e em sua meditação. Para Lutero, as atividades do diabo são “uma ajuda” para

a formação do teólogo e do cristão, na medida em que, postos à prova, eles se dão conta da sua fragilidade e se colocam em posição de humilde dependência da graça e do amor de Deus.

[...] quero mostrar-te o modo correto de estudar teologia, pois eu mesmo o pus em prática. Este é o modo que o santo rei Davi fez e ensina o Salmo 119. Nele encontrarás três princípios, detalhadamente explicados ao longo de todo o Salmo. São estes: oração (*oratio*), meditação (*meditatio*), tentação (*tentatio*) (LUTERO, 2006, p.33).

Para Lutero, o primeiro passo é reconhecer que as Escrituras Sagradas são a única fonte de ensino sobre a vida eterna. Nenhum outro livro no mundo pode fazê-lo. Por isso, o segundo passo é “[...] imediatamente perder as esperanças em relação a tua própria razão e entendimento” (LUTERO, 2006, p.33). Ao invés disso, um teólogo e cristão vão se ajoelhar em seu quarto, orar a Deus e com sinceridade reconhecer essa incapacidade de alcançar dons divinos, especialmente reconhecer que “[...] por meio de seu Filho amado, ele te dê seu Espírito Santo, para que te ilumine, guie e dê entendimento” (LUTERO, 2006, p.34).

Depois vem a meditação, com o coração e externamente, esfregando, lendo e relendo o texto escrito na Bíblia, prestando atenção no que o Espírito Santo está lhe ensinando. Esta é uma tarefa que não acaba nunca. “Cuida para não perder o interesse e pensar que, se leste, ouviste e falaste essa palavra uma ou duas vezes, isto basta para que a entendas perfeitamente” (LUTERO, 2006, p.34). Se isso acontecer, você não será um bom teólogo ou um bom cristão, mas uma fruta que cai antes de amadurecer (LUTERO, 2006, p.35).

O terceiro elemento formador do teólogo e do cristão é a tentação. “Este é o teste que te ensina não apenas a conhecer e entender, mas também experimentar quão justa e verdadeira, quão doce e amável, quão poderosa e consoladora é a palavra de Deus, sabedoria que excede toda sabedoria (LUTERO, 2006, p.35). Para Lutero, assim que a Palavra é pregada, o diabo começa a perseguição, porém, “Ele faz de ti um verdadeiro doutor (em teologia); por meio de suas tentações ele te ensina a buscar e amar a palavra de Deus” (LUTERO, 2006, p.35).

Assim, Martinho Lutero segue nessa trilha da agonia, pois entende

que o processo de formação de um teólogo e o amadurecimento dos cristãos acontece através da oração, da meditação e da tentação ou da *anfechtung*, ou ainda da agonia, em outras palavras.

O salmo 119 é um devocional sobre a Palavra de Deus, e, como diz Leupold (1961, p.821), é o “dourado abc do louvor à palavra de Deus”. De “A a Z”, seu autor foi alguém que humildemente reconhecia sua dependência de Deus e da sua palavra em meio às tentações e agonias de sua vida. Ele admite que necessita da misericórdia e da compaixão de Deus. Ele é dependente da oração e da meditação para, com maturidade reconhecer que foram as aflições, ou a agonia, que também o fizeram aprender sobre a Palavra.

Lutero percebe esse ciclo da oração, meditação e tentação no salmo 119. Abaixo, uma tentativa de sistematizar e categorizar essa abordagem de Lutero no salmo 119, com base nessa dinâmica da oração, meditação e tentação, acrescentando, por outro lado, resultados desse ciclo. É preciso notar, porém, que a alusão à Palavra é feita com uma série de sinônimos segundo a tradição do Antigo Testamento: lei, testemunhos, preceitos, mandamentos, juízos, palavra e decretos. Todos são equivalentes à Palavra de Deus, em forma de lei, para revelar a nossa pecaminosidade, e de evangelho, a fim de revelar a doçura da presença de Deus em sua Palavra, para nos acolher bondosamente em Jesus Cristo.

Quadro 01: Recortes no texto do Salmo 119 e as categorias da oração, meditação, tentação e resultados para quem ora, medita e é tentado

Oro	Medito	Sou tentado (agonia)		Resultados
		Na vida cristã	No sofrer	
Ensina-me os teus decretos (v.12,26)	Considero os teus mandamentos (v.6)	Quero ser íntegro de coração (v.7)	Sofro insultos e o desprezo (v.22)	Respondo aos insultos (v.42)
Sê generoso (v.17)				
Desvenda os meus olhos (v.18)	Guardo a Palavra no meu coração (v.11)	Guardo a Palavra para não pecar (v.11)	A minha alma está apegada ao pó (v.25)	Sou consolado na angústia (v.50)
Não escondas de mim os teus mandamentos (v.19)	Medito nos teus preceitos (v.15)			

Faze-me compreender o caminho dos teus preceitos (v.27)	Tenho prazer nos teus decretos (v.16)	Afasta de mim o caminho da falsidade (v.29)	A minha alma se consome de tristeza (v.28)	Antes de ser afligido, eu andava errado, mas agora guardo a tua palavra (v.67)
Dá-me entendimento (v.34, 73)	Os teus testemunhos são meus conselheiros (v.24)	Guia-me pela vereda dos teus mandamentos (v.35)	Soberbos zombam de mim (v.51)	A Palavra vale mais do que milhares de peças de ouro ou de prata (v.72)
Inclina o meu coração aos teus testemunhos e não à cobiça (v.36)				
Desvia os meus olhos da vaidade (v.37)	Medito nas tuas maravilhas (v.27)	Desvia os meus olhos da vaidade (v.37)	Laços de perversos me cercam (v.61)	Pela Palavra, fui sustentado na minha angústia (v.92)
Afasta de mim a afronta (v.39)				
Venham sobre mim as tuas misericórdias (v.41, 88)	Suspiro pelos teus preceitos (v.40)	Penso nos meus caminhos e volto os meus passos para os teus testemunhos (v.59)	Soberbos me oprimem injustamente (v.78)	O teu mandamento me torna mais sábio do que os meus inimigos (v.98)
Não tires de minha boca a palavra da verdade (v.43)	Medito nos teus decretos (v.48)	Seja o meu coração irrepreensível nos teus decretos (v.80)	A minha alma desfalece (v.81)	Compreendo mais do que todos os meus mestres (v.99)
Imploro a tua graça; compadece-te de mim (v.58)	Melhor a lei que procede da tua boca do que ouro e prata (v.72, 127)	De todo mau caminho desvio os meus pés, para observar a tua palavra. (v.101)	Os meus olhos esmorecem (v.82)	Sou mais entendido do que os idosos (v.100)
Ensina-me bom juízo e conhecimento (v.66)	Nunca me esquecerei dos teus preceitos (v.93)	Detesto todo caminho de falsidade (v.104)	Abriram covas para mim (v.85)	Experimento a doçura das palavras de Deus (v.103)
Ajuda-me, pois sou perseguido injustamente (v.86)	A tua lei é a minha meditação diária (v.97)	Inclino o coração a guardar os teus decretos (v.112)	Quase acabaram comigo (v.87)	Consigo entendimento (v.104)

Ampara-me (v.116)	Medito nos teus testemunhos (v.99)	Detesto a falsidade (v.113, 128)	Os ímpios me espreitam para me destruir (v.95)	Meus pés e caminhos são iluminados (v.105)
Sustenta-me (v.117)				
Firma os meus passos na tua palavra (v.133)	Os teus testemunhos, são legado perpétuo (v.111)	Afastem-se de mim, malfeitores (v.115)	Estou aflitíssimo (v.107)	A revelação das tuas palavras traz luz e dá entendimento aos simples (v.130)
Livra-me da opressão (v.134)	Inclino o coração a guardar os teus decretos (v.112)	Meu corpo treme de medo de ti, e temo os teus juízos (v.120)	A minha vida está em perigo (v.109)	Na tribulação e angústia, a tua Palavra é o meu prazer (v.143)
			Os ímpios armam ciladas contra mim (v.110)	
Faze resplandecer o teu rosto sobre o teu servo (v.135)	Estimo a tua puríssima palavra (v.140)	Não permite que nenhuma iniquidade me domine (v.133)	Meus olhos vertem rios de lágrimas (v.136)	Grande paz têm os que amam a tua Palavra; para eles não há nada que os faça tropeçar (v.165)
			Sou pequeno e desprezado (v.141)	
Ouve-me (v.145)	Acordado nas vigílias da noite, medito na tua palavra (v.148)	Vi os infiéis e senti desgosto (v.158)	Sobre mim vieram tribulação e angústia (v.143)	Anseio pela tua salvação, Senhor (v.174)
Defende a minha causa (v.154)			São muitos os meus perseguidores e adversários (v.157)	
Chegue a ti a minha súplica (v.169, 170)	Amo os teus preceitos (v.159)	Odeio e detesto a mentira (v.163)	Poderosos me perseguem sem motivo (v.161)	Continuo errante como ovelha perdida, mas Deus me procura, pois não me esqueço da Palavra dele (v.176)
Procura o teu servo (v.176)			Ando errante como ovelha perdida (v.176)	

Fonte: Autoria própria (2022), com base no texto da tradução Nova Almeida Atualizada (NAA), Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

Cristo é fonte da paz que o mundo não pode dar (Jo 14.27). Nele temos paz porque ele é o Príncipe da Paz. Porém, no mundo também vamos passar por agonias e tentações. Cristo não apenas derramou sangue na

cruz pela humanidade, ele curou, consolou e revelou o coração bondoso do Pai. Em sua agonia mais profunda e cruel, no Monte das Oliveiras (Lc 22.44), ele suou sangue, e aquelas gotas eram sementes de agonia, eram as sementes da agonia da cristandade. Entretanto, Cristo já antecipou a nossa oração: “Pai, se queres, afasta de mim este cálice [as agonias]! Contudo, não se faça a minha vontade, e sim a tua” (Lc 22.42 – UNAMUNO, 2017, Edição do Kindle)

Esta edição da Revista *Igreja Luterana* continua em sua proposta de publicar reflexões teológicas que sejam benéficas para a igreja, para a academia e para formação de teólogos e cristãos em geral. Seu conteúdo abrange desde questões relacionadas à agonia de cristãos, como é o caso da depressão, a assuntos que dizem respeito à missão da igreja em ensinar e a melhor forma de fazê-lo.

Os artigos começam com Herz e Heimann, que pesquisaram sobre o tema da depressão e sua relação com a missão terapêutica da igreja. Seu artigo contribui com reflexões sobre a igreja cristã e seu papel como cuidadora no tratamento daqueles que são acometidos pela depressão. Para promover a discussão sobre o tema, são apresentados definições e dados acerca da depressão, suas principais causas, consequências e formas de tratamento – incluindo a espiritualidade como um fator necessário e contribuinte no processo. Buscar-se-á também uma abordagem bíblica neotestamentária para fundamentar a temática do cuidado, o conceito de igreja em seu âmbito comunitário e o seu serviço em amor e a construção de redes de apoio.

Em conexão com esse primeiro tema, Nörnberg e Graff apresentam uma pesquisa sobre uma possível vinculação entre espiritualidade e saúde e implicações teológicas dessa conexão. O objetivo principal do estudo consistiu em investigar como a prática da religiosidade/espiritualidade pode influenciar o enfrentamento de doenças. Chegou-se à conclusão de que uma espiritualidade sadia como prática religiosa e com sólidas raízes históricas pode ser um apoio comprovadamente positivo no enfrentamento de doenças e no desenvolvimento de uma boa saúde. Por outro lado, a partir de uma perspectiva luterana, somente reconhecendo a sua natureza pecaminosa é que o ser humano é capaz de se livrar das suas aspirações de justificação para se encontrar com o Deus revelado que justifica o pecador através da obra de Jesus Cristo.

Bergmann e Fuhrmann, por sua vez, tratam da temática do testemunho da fé cristã no contexto da pós-cristandade. O objetivo foi explorar elementos que promovam uma reflexão bíblica e luterana sobre o testemunho cristão num contexto cultural adverso e hostil. Para tal, o estudo busca entender o processo mediante o qual chegou-se até o atual cenário, bem como avaliar tipos de abordagens que costumam ser comuns entre muitos cristãos diante da nova realidade. Os resultados mostram que, mesmo diante de um cenário adverso e hostil, é possível testemunhar a fé cristã, de modo que, assim como no passado, as pessoas incrédulas e a cultura em decadência sejam impactadas pelo evangelho de Jesus Cristo.

Breda e Raymann fazem uma viagem pelo Antigo Testamento a fim de examinar minúcias bíblicas que envolvem a pessoa do “Anjo do Senhor”, com vistas a estabelecer a sua identidade e significado teológico mais fundamental. A pesquisa confirmou que o Messias é quem melhor se destaca como candidato a portar esse título, principalmente ao ter a sua obra executada e concluída no Ser teantrópico Jesus de Nazaré, o Filho de Deus, o supremo Apóstolo do Altíssimo para o mundo. Além disso, atestou-se que a igreja deve reter essa teologia com afincamento, porquanto a sua confissão no Cristo, como Javé que vem dos céus para redimir definitivamente o seu povo, cuja obra foi prenunciada no Anjo do Senhor, é a pedra angular da esperança de salvação sobre a qual o cristianismo é levantado.

Figur e Buss ficam mais na área da Sistemática e buscam responder à luz dos desdobramentos dos ensinamentos do Credo Apostólico, o que define a identidade humana. Os resultados apontam que o primeiro artigo do Credo já define o ser humano: ele é uma criatura, sustentado por um Deus relacional. O segundo e o terceiro artigos, juntos, mostram que Deus estabelece uma nova identidade ao ser humano, quando se relaciona com ele através de um ato salvador. Deus renova a criatura, criando uma realidade espiritual, através do batismo. O ser humano nunca deixa de ser criatura, nunca deixa de ser pecador, mas o crente recebe dádivas muito maiores do que ser sustentado por Deus.

Por fim, Gamba e Graff fazem uma pesquisa sobre o uso das “metodologias ativas” nas aulas de instrução de confirmandos na Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB). Pesquisas indicam que a instrução catequética na igreja cristã vem se demonstrando como sendo cada vez

mais desafiadora. Primeiro, no que se refere à evasão de jovens das atividades da igreja após o rito confirmatório e, segundo, porque parece haver lacunas na apropriação de conhecimentos através do método tradicional de ensino jesuítico herdado ao longo dos anos. Como resultados da investigação, observa-se que, ao aplicar-se as metodologias ativas nas aulas de instrução de confirmandos, ampliam-se as possibilidades de reestabelecer o ensino catequético com caráter mais ativo e significativo para a vida do catecúmeno. Nesse sentido, esta pesquisa é subsídio para a reflexão sobre a importância e a necessidade de se pensar em práticas para a instrução de confirmandos que sejam harmonizadas à atual realidade na qual estão inseridos os jovens cristãos.

Mas ainda não terminou. Nesta edição da Revista *Igreja Luterana* vamos inaugurar uma seção de textos teológicos traduzidos, começando com dois artigos do periódico luterano do Concordia Seminary, dos Estados Unidos, *Concordia Journal*. Como proposta inicial, serão publicados dois textos que versam sobre a compreensão teológica das duas justiças. No primeiro, Arand e Biermann constroem o conceito dois tipos de justiça na perspectiva de que essa “[...] distinção entre os dois tipos de justiça permitiu que os reformadores exaltassem o Evangelho sem exceções, removendo a atividade humana como base para a justificação diante de Deus”.

No outro artigo, Saleska propõe a prática do princípio dos dois tipos de justiça na pregação do evangelho, enfatizando que “[...] o pregador não só entrega para as pessoas a justiça de Cristo, de modo que pela sua Palavra eles se tornem *tsaddikim* (justos), mas também exorta, suplica e os instrui em como viver como *tsaddikim* neste mundo”.

Essa teologia é de Lutero. Foi ele quem articulou a ideia de que os dois tipos de justiça devem ser cuidadosamente distinguidos. A justiça da fé é o perdão que nos é imputado graciosamente por intermédio de Cristo, sem as nossas obras. É uma justiça passiva em que podemos fazer tanto quanto a terra árida que anseia por uma chuva, a saber, nada, para obtê-la. Já a justiça ativa é aquela que é praticada na vida cristã e é possível porque a justiça passiva está em mim e aí “[...] avanço para dentro de um outro reino e faço boas obras onde houver oportunidade” (LUTERO, 2008, p.35).

Esta é a nossa teologia pela qual ensinamos que se devem distinguir, cuidadosamente, estas duas justiças, a ativa e a passiva, a fim de que não sejam confundidas conduta e fé, obras e graça, política e religião. Ambas as justiças são necessárias, mas cada uma deve conter-se dentro de seus limites (LUTERO, 2008, p.32).

Assim, temos um super cardápio para ser lido e processado. Deus abençoe a sua leitura e reflexões. Deus continue abençoando a Revista *Igreja Luterana* e todos os que empenham esforços em sua concretização: pesquisadores/escritores, quadro editorial, conselho dos pareceristas, Diretoria Nacional da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, congregação de professores do Seminário Concórdia e equipe de trabalho da Editora Concórdia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LEUPOLD, H.C. *Exposition of the Psalms*. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1961.

LEWIS, C.S. *Cartas de um diabo a seu aprendiz*. Trad. Gabriele Gregersen. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

LIVRO DE CONCÓRDIA. *As Confissões da Igreja Evangélica Luterana*. Trad. Arnaldo Schüler. Revisores da nova versão, Nélio Schneider e Vilson Scholz. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2021.

LUTERO, Martinho. Prefácio à Edição de Wittenberg, p.33-37. In: NERBAS, Paulo Moisés (Org.). *O preparo de pastores luteranos para hoje*. Canoas: Ed. da ULBRA, 2006.

LUTERO, Martinho. Interpretação do Novo Testamento – Gálatas. Trad. Paulo Flor. In: *Martinho Lutero: Obras Seleccionadas*, v.10, p.22-557. São Leopoldo: Sinodal; Canoas: Ed. da ULBRA; Porto Alegre: Concórdia, 2008.

PAPINI, Giovanni. *El Diablo*. 3.ed. Trad. Pablo Uriarte. Edição do Kindle. México: Porrúa, 2011.

PERRENOUD, Philippe. *Desenvolver competências ou ensinar saberes: a escola que prepara para a vida*. Trad. Laura Solange Pereira. Porto Alegre: Penso, 2013.

RICOEUR, Paul. *Interpretação bíblica*. Trad. José Carlos Bento. São Paulo: Templus/Fonte Editorial, 2004.

SALIFU, Nicholas. Batalha espiritual numa perspectiva luterana. *Igreja Luterana*, v.81, n.1, p.134-156, junho 2020.

SÁNCHEZ, Leopoldo A. *A missionary Theology of the Holy Spirit: the Father's anointing of Christ and its implications for the Church in Mission*, p.28-40. *Missio Apostolica*, v. XIV, n.1, May, 2006.

SÁNCHEZ, Leopoldo. *Teología de la santificación: La espiritualidad del Cristiano*. St. Louis: Concordia. Edição do Kindle, 2013.

UNAMUNO, Miguel De. *A agonía do Cristianismo*. Trad. Alexandre Müller Ribeiro. Edição do Kindle. Coleção Cultura Espanhola, 2017.

WEINRICH, Willian C. Criação. In: NAFZGER, Samuel H. *et al.* (Eds.). *Confessing the Gospel: A Lutheran Approach to Systematic Theology*, v.1. p.159-250. Saint Louis: Concordia Publishing House, 2017.